

## COMPOSIÇÃO E CRIATIVIDADE NA INFÂNCIA: RELATOS DE UM ESTÁGIO EM MÚSICA- LICENCIATURA

IGOR FURTADO DE FURTADO<sup>1</sup>; ALYSON QUEVEDO NOVO TEIXEIRA<sup>2</sup>;  
LÉLIA NEGRINI DINIZ<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [ifurtado147@gmail.com](mailto:ifurtado147@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas – [alyson.universitario@gmail.com](mailto:alyson.universitario@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas – [leliabrancodiniz@gmail.com](mailto:leliabrancodiniz@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A experiência musical se dá a partir de várias abordagens. De acordo com o educador musical Keith Swanwick, a apreciação, a performance e a composição são os pilares centrais do fazer musical. Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o uso da composição como estímulo à criatividade. Esta proposta foi realizada no decorrer do estágio III do curso de Música Licenciatura com uma turma do terceiro ano do ensino fundamental de uma escola vinculada à Rede Estadual de Ensino Pelotas/RS.

A escola não tem professor de música, desta forma, a professora orientadora, em consonância com a proposta da escola e com as normativas vigentes, sugeriu como tema transversal o meio ambiente. A partir desta primeira orientação, nós estagiários fizemos nossas escolhas para atender ao tema proposto e possibilitar vivências musicais significativas para as crianças. Vale ressaltar que foram dois estagiários que atuaram em dois períodos semanais na mesma turma. As aulas foram preparadas em conjunto para que não houvesse lapsos entre a atuação de um ou de outro.

Iniciamos o processo de composição tendo como base o ensaio de Ana Luiza Smolka (2009) intitulado a ‘Imaginação e Criação na Infância’ e nas propostas de “Paisagem sonora” termo cunhado por Murray Schafer (2012).

Smolka (2009) nos traz uma leitura sucinta e agradável, para adentrarmos ao processo criador das crianças trazendo luz a obra de Vigotski, que relata a origem do imaginário infantil e os processos da criatividade, onde os três primeiros capítulos ‘Criação e imaginação’, ‘Imaginação e realidade’, e ‘A criação literária na idade escolar’, foram fundamentais para a realização da atividade.

A escolha do tema, pensada para uma turma de terceiro ano, com ideias alinhadas com o capítulo ‘A criação literária na idade escolar’ do ensaio comentado de Luiza Smolka que traz o pensamento de Lev S. Vigotski, onde o autor parte do princípio que de que a imaginação da crianças é estimulada por experiências alheias, ou por imitação, exigindo uma atenção dos educadores no âmbito escolar.

O capítulo aborda as mudanças da forma criativa da criança, o desenho passa ser uma prática menos comum no dia-a-dia do aluno. Nesta fase que o autor chama de idade escolar, ele reforça que o que impulsiona a criação a partir do desenho são as condições educacionais que estimulem estas atividades e seu desenvolvimento.

Relata, ainda que, possivelmente, a força criativa da criança não se concentra por acaso no desenho, mas porque nessa idade o desenhar oferece a possibilidade de se expressar com mais facilidade aquilo que a domina.

Para Schafer, a paisagem sonora é um conceito fundamental que propõe a conscientização e o estudo do nosso ambiente acústico. Na educação básica, a aplicação dessa ideia permite que estudantes e professores explorem os sons do cotidiano, transformando a sala de aula em um laboratório auditivo. Ao incentivar os estudantes a identificar, classificar e analisar os sons que compõem sua escola, vizinhança ou até mesmo sua própria casa, a paisagem sonora se torna uma ferramenta pedagógica.

Alinhando o pensamento destes dois autores surge a proposta de composição realizada com a turma de crianças com idade entre 8 e 9 anos de idade.

## 2. ATIVIDADES REALIZADAS

Seguindo por essa perspectiva buscamos desenvolver um planejamento onde essas formas de criar estivessem unidas, começando pela expressividade verbal onde contextualizamos os sons do meio ambiente através da paisagem sonora, seguindo a linha teoria de Schafer (2012), que consiste em eventos ouvidos, considerando os sons vivenciados nos locais em que se inserem cada estudante daquela turma.

Perguntamos para os alunos qual o som favorito de cada um, através dessa atividade, o aluno era estimulado a reproduzir o seu som escolhido através do uso da voz ou da percussão corporal, com o auxílio dos professores. Nesta atividade pudemos perceber o potencial criativo dos alunos na forma de se expressar de reproduzir os sons escolhidos, percebemos também a facilidade na imitação na escolha dos sons.

Após a primeira parte da atividade, partimos para utilização de desenhos a mão livre como forma de expressão, relacionando com o que Vigotski chama de idade escolar e a expressão através dos desenhos. Segundo Vigotski (2009 p.62) “possivelmente, as forças criativas da criança não se concentram por acaso no desenho, mas porque é o desenho que, nessa idade, oferece-lhe a possibilidade de expressar com mais facilidade aquilo que a domina[.]”.

A criação a partir do desenho, se fez necessário também na ilustração dos sons escolhidos, pensando numa forma mais lúdica de composição, possibilitando a construção de uma partitura alternativa, pensando no registro da composição e conscientizando os alunos da existência de uma escrita musical específica, mesmo não sendo a escrita convencional. Desta forma, a organização dos desenhos e sua posterior execução deram forma à composição intitulada “Marcos e suas aventuras”, explorando a criatividade da turma com os materiais sonoros.

A composição, segundo Swanwick (1979) “é ferramenta poderosa para desenvolver a compreensão sobre o funcionamento dos elementos musicais, pois permite um relacionamento direto com o material sonoro[.]”.

A criação do personagem imaginário “Marcos” se deu de forma espontânea pelas crianças, a fim de que o mesmo servisse de eu lírico para o desenvolver da história criada em conjunto com nós estagiários, professores naquele momento, onde o personagem viajasse por diferentes cenários, e em cada cenário estaria presente um som específico de cada aluno.

A composição tem início com o violão marcando a pulsação da peça. Após quatro tempos, surge o som do personagem correndo, evidenciado pelos passos,

que são reforçados pelos alunos ao baterem os pés no chão, intensificando a sonoridade da corrida.

Em seguida, o personagem chama seu cavalo por meio de um assobio, ao qual o animal responde com um relincho, ambos os sons produzidos oralmente pelos alunos, passando para cena seguinte, onde o personagem se depara primeiro com uma cachoeira e, logo depois, com o mar, ambos reproduzidos por sons orais. Posteriormente, encontra uma chuva leve que gradualmente ganha intensidade até que o personagem chega em sua casa, onde passa a ouvir os pingos caindo sobre o telhado, onde esses sons foram reproduzidos com as mãos: uma delas em forma de “concha” e a outra batendo com os dedos dentro dela. Quanto mais dedos eram usados, mais intensa se tornava a chuva. Com o término da tempestade, inicia-se o som do vento, também reproduzido oralmente. Aproximando-se do desfecho, surgem os cantos dos pássaros, igualmente produzidos por sons orais.

Por fim, a última cena se encerra no silêncio. Através desta performance exploramos grande parte do conteúdo proposto no decorrer do estágio, onde trabalhamos timbre; pulsação; intensidade; altura, aliás podemos dizer que esta atividade em específico nos deu subsídios para partir para uma campo da prática musical em conjunto. Também contamos com a utilização do violão, que se fez necessário como instrumento condutor da composição, sendo utilizado muito mais no aspecto rítmico do que harmônico, de forma que todos os alunos acompanhavam a pulsação da canção de forma simultânea, isso possibilitou uma melhora no desenvolvimento da performance.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

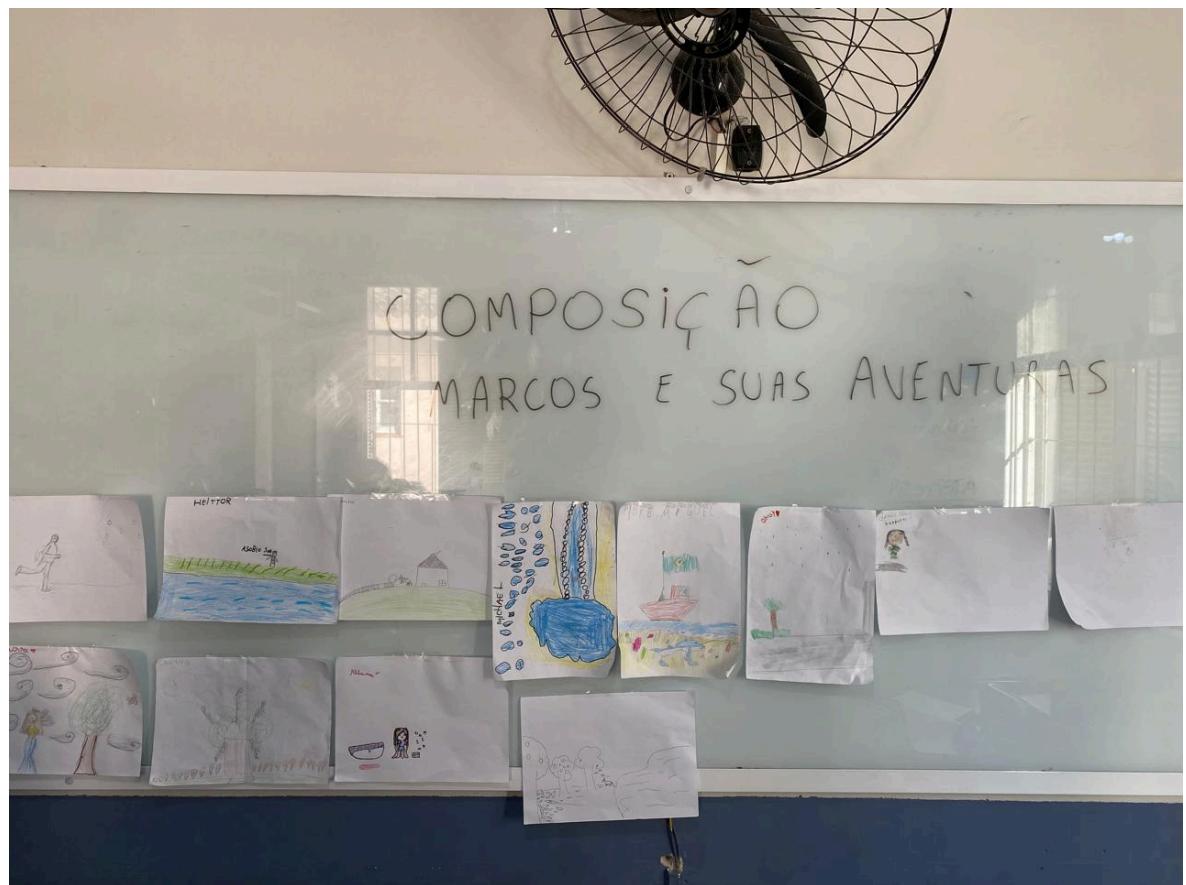
Concluo que esse tipo de atividade nos possibilitou adentrar no imaginário da turma, compondo com a experimentação de timbres e dinâmicas, alguns dos conteúdos que trabalhamos no decorrer do estágio, e reforçando a necessidade da participação ativa do estudante em sala de aula.

Creio que trabalhamos com métodos que flertaram bastante com a linha teórica de Vigotski, pois desde o princípio do estágio buscamos por uma metodologia de aprendizagem coletiva, sabendo da importância do conhecimento do aluno e suas experiências, podendo assim desenvolver a autonomia criativa no aluno, construindo e partilhando a experiência do estágio de forma mais aproveitadora para ambos os lados.

As linhas teóricas de Schafer (2012) e Swanwick (1979), se demonstraram uma ferramenta capaz de incorporar essas vivências de cada estudante na prática da sala de aula, tornando-a um espaço repleto de significado para aqueles estudantes.

Dessa forma, o estágio revelou-se como um campo fértil de experimentações, onde foi possível conciliar a teoria com a prática e perceber os limites e as possibilidades do ensino de música em um contexto escolar. Ao mesmo tempo em que nos aproximamos de referenciais teóricos consolidados, também fomos desafiados a reinventar caminhos pedagógicos, compreendendo que a educação musical só se torna emancipadora quando considera a realidade

concreta do aluno e lhe oferece meios para expressar-se de forma crítica e criativa.



Composição “Marcos e suas aventuras”. (Acervo pessoal de Igor Furtado)

#### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SCHAFER, M. **A afinação do mundo**. São Paulo: Unesp, 2012.

SCHAFER, M. **O ouvido pensante**. São Paulo: Unesp, 2012.

SMOLKA, A.L. **Lev S. Vigotski- Imaginação e Criação na infância**. São Paulo: Editora Ática, 2009.

SWANWICK, K. **A Basis for music education**. Londres: Routledge, 1979.